

A Transformação Das Sombras

Miguel Brandão



elefante  **2020**
editores

AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

*«Deixai que em suas mãos cresça o poema
como o som do avião no céu sem nuvens
ou no surdo verão as manhãs de domingo
Não lhe digais que é mão-de-obra a mais
que o tempo não está para a poesia»*

Ruy Belo

Emprego e desemprego do poeta

A Cor Do Sorriso

A cor do sorriso
é a do poema
entendido

daquele gáudio a ver
e a entender o sentido da luz
a jusante das palavras

as ondas das palavras
as palavras das sombras

A Languidez Da Respiração

A languidez da respiração
no movimento dos seios
provoca a exaltação
da imaginação

e a fluência das palavras
perturbada
naquela cadência de volúpia
inatingível

As Aves Trazem O Dia

As aves trazem o dia
a viver

as palavras da compreensão

as peças de um puzzle por decifrar

e no chilreio dessas almas
vive a insensatez
do amanhecer

As Palavras São Acordes

As palavras são acordes
de afinação difícil
ora num dó de bem querer
e não ter
ora num pranto por si
sem poder

mas todas cantam
a beleza da felicidade
e a fealdade da tristeza
em conjunto

pois que a música também deixa sombra
no corpo de quem a ouve
e nas almas de quem a sente

de olhos fechados
a escutar a música
a perscrutar a sombra

Dependem Da Luz

Dependem da luz
para que se contemplem
mas existem na escuridão
caladas e sós

memórias perenes
a reclamarem luz

a recordação
das suas memórias mecânicas

Latem Os Cães Na Noite

Latem os cães na noite
uma sinfonia intermitente
a reclamarem o sono de quem os ouve
o sino da igreja do outro lado do rio
canta os quartos
e as meias
e as horas
e lembra-me o tempo que nunca mais passa
quase que oiço
a dolência desses malditos ponteiros do relógio
e os mecanismos a rodar oleosos
numa cadência infalível
quase que oiço
o ponteiro dos minutos
a convite do dos segundos
a saltar convicto para um novo minuto
chegam e partem os comboios
da estação
e eu oiço os seus passos nos carris
e o maquinista a anunciar a partida
e outro a anunciar a chegada

da estrada
que também está longe
mas mais perto
quase que vejo os automóveis tardios
a iluminarem a madrugada
e os cigarros dos seus motoristas
atirados pelas janelas
a celebrarem a velocidade

dos passos perdidos da noite
no passeio
um par de sapatos ruidosos
a conduzirem os metais das tampas soltas

O Movimento Interrompido

O movimento interrompido
pelo langor
das palavras insensatas
provoca o rubor na face do poema

e nas palavras lidas
sente-se o incômodo
das metáforas e dos adjectivos
a corromper a decência

O Vento Deixou

O vento deixou o
hálito do desassossego
a impregnar a memória das árvores
numa corrupção anunciada
numa cumplicidade tardia

o fogo estival a cingir-se
a derramar as sombras
de ausência

Perpassam

Perpassam
as aves
num descontentamento
atroz.

palavras
inócuas no azul do céu

Queria Morder-te

Queria morder-te o corpo para que me
sentisses
a alma
e depois te ferisse a insensatez para que me
tivesses
nos olhos
Desse gáudio, a vibrar, não me ouvirias
chamar
amor
Calavas-me a impaciência com um beijo na
redenção

Tudo É Triste

Tudo é triste
e feio
mas o odor das açucenas
relewa o rigor do ruído

o vento a rodopiar
em torno das árvores
celebra a beleza do outono cadente

frias
as emoções que te compõem
aquecem a ira
dos outros

mas em ti tudo é flor
vida
e perfume

A Música

A música é a minha matéria-prima
mas
tu és a matéria da minha música

Sente A Ignomínia

Sente a ignomínia da chuva
fria
a corromper-te a decência
e a tolher-te o entendimento

gotas no percurso do teu corpo
em descida triunfal

O Momento É O Ideal

O momento é o ideal
para não mais pensarmos
no tempo

no tempo que o vento faz
e no tempo que o momento criou

a nobreza no destilar dos segundos
a perenidade do olhar a atravessar as eras

Despidas De Vontade

Despidas de vontade foram as mãos
ao encontro do céu
a acariciar dolentes a face da brisa
a sorrir para ti

e tu sorriste de volta
a completar o encantamento
daquela aguarela de primavera

e foi então que um bando de aves
que nunca havia visto
perpassou devagarinho...
devagarinho

depois
a brisa que já não era brisa
arrancou-te um beijo dos lábios
e foi levá-lo para junto dos tesouros perenes

As Pedras Da Calçada

As pedras da calçada
que é a vida
demoram o tempo
e arrastam a perenidade

e as ruínas dessa construção
atravessadas pela loucura
relatam a dor dos ponteiros do relógio

Acalma A Face Do Céu

Acalma a face do céu
num sussurro

comanda o vento que cesse
com a palma da tua mão

A Felicidade do Olhar

A felicidade do olhar
na contemplação dos afectos
um ardor sereno e contínuo
que adormece o corpo
e extasia o espírito

sombras de aves
a acariciarem a alma
numa melancolia lânguida
e perene

A Manhã Surgiu

A manhã surgiu
no regaço da noite
cavalo alado
numa negrura pálida
e ténue

do dorso da aurora
vieram as coisas a reclamar a sombra

o ocaso promitente
as celebrou
num regozijo distante

As Mãos Atadas

As mãos atadas
e as palavras mudas
a correrem mar adentro

o mar em paraplegia dolente
a transpirar lágrimas
de sal

o sol poisado nessas águas mortas
a arrefecer os afectos

As Paredes Avançam

As paredes avançam
na inelutável transformação das sombras
e o sufoco evita-me a respiração

nos ouvidos
umas notas de um piano distante e dolente

umas partituras a reclamarem interpretação
os cortinados esvoaçantes da janela por abrir

o ranger musical do soalho
sob os teus passos

Duas Cadeiras

Duas cadeiras
e uma mesa no canto
de uma metáfora
a quererem a companhia
de um adjectivo

e as palavras
uma rotunda de animais
em trânsito
a circularem da direita para a esquerda
apaixonadamente desordenados
no íntimo entendimento
só
de quem os governa

No Olhar De Um Velho

No olhar de um velho
e no sorriso de uma criança
contempla-se a afirmação da inocência

das palavras de um
na mudez do outro
constrói-se o entendimento

O Que É A Vida

O que é a vida
senão a transformação
da matéria que é o corpo
e da alma
a sua sombra

O Ver O Que...

O ver o que os sorrisos
proporcionam
é a tarefa
deste ponto final
neste final de poema



Podia Amar-te

Podia amar-te
agora mesmo
sem ter medo do porvir

amar os teus afectos
e os teus olhos
a olhar o céu
no mar

podia ter
o que não tenho
porque perdi
sem ter tido

podia poder
um querer
a tanto te ver
e ter

um olhar exíguo
e triste
a pedir só
um beijo

podia pedir-te
um abraço dado
de longe
e mesmo assim
senti-lo apertado e exangue

podia acariciar
o sorriso das tuas palavras
a romper-me
a solidão e a monotonia dos sentidos
podia tocar-te
a epiderme dos sonhos

e vibrar-te de ternura

completar a vida
que é a minha
e a tua
e fechar a dolência
da separação

podia exaurir
do meu corpo
uma ausência
a definhar a alma

podia sequestrar-te
da cidade que te corrompeu
e conceder-te o bálsamo
do meu amor

fechar-te no meu coração
e cercar-te do entendimento
dos homens

podia cantar-te o mar
sempre que o quisesses
porque também o amo

pois sei que padeces na sua ausência

podia tudo isto
se em mim
fizesses crer
que me queres



Quiseram As Mãos

Quiseram as mãos agarrar a matéria
de que é feito o teu corpo
(em vão)

não podem
jamais
as mãos imateriais
tocar-te a epiderme
dos sonhos

quedam-se e estacam
feitas de sombra
a rodar na leveza do etéreo
à espera da escuridão

quiseram também contemplar
a alma
feita de luz
mas a luz que cessa a sombra
cessou o querer das mãos

e fica o entendimento
nesse desassossego
entre o querer e o não poder

na inexorável transformação das sombras



Um Coro Desprendido

Um coro desprendido
das gargantas que o fazem
esmorece e desvanece
por entre a brisa
do crepúsculo

o sereno acolhe a respiração do dia
e transpira as sombras
das árvores

as águas da chuva levam as vozes
para o rio
sob o consentimento do vento



Volta Se Puderdes

Volta se puderes
a cavalo alado por entre as nuvens do céu
porque o desejo de ter
inflama a vontade do ser
e o estar sozinho
carrega a alma de negro
o corpo de enfermidade
o sorriso de dor

volta se puderes
numa folha seca por entre a cadência do
outono
porque a beleza não pesa
porque o vento é gentil
e o ver-te alimenta a alma
e enleva o entendimento
mas despeja a razão
e desvaria o corpo

volta se puderes
numa nuvem por entre os bandos das aves
porque eu quero ter sem ter
sem a migração do teu amor
e o estar contigo
é pintar as cores do arco-íris
o azul do céu
o azul do mar



No Longe

No longe demoram os sentidos
a quererem a quietude do momento
a remoção do ruído

As Pétalas

As pétalas desceram da face do vento
E quiseram tocar a terra
A voltar no tempo
Do caminho perpetuo

As Mãos

As mãos vieram visitar
o corpo
em suspensão

a susterem o peso
da matéria da vontade
a contemplarem o fogo

A Inefável Completude

A inefável completude
a que se chega
após a narração das sombras das palavras
é um delta na foz do rio que é
o entendimento

A Procura Da Matéria-Prima

A procura da matéria-prima
do poema
cessa no sorriso de quem lê

as palavras não lidas
como massa disforme e inaudível
que só se completam depois do encanto
de um livro fechado mas compreendido

os olhos da compreensão a percorrerem
as palavras do poema
como o sol da aurora ao ocaso
a transformarem os nomes adjectivos
metáforas e tudo
em sombras
que são a memória

a compreensão na transformação das sombras

As Ondas

As ondas de um mar só teu
a retoçarem
nas memórias da inquietação
a tolherem os afectos
extintos

Das Paredes Da Casa Amarela

Das paredes da casa amarela
ecoam as chamas
de um fogo distante

o calor que penetra
o silêncio agreste
desperta as palavras
da incompreensão

na sala arde uma ausência
forçada
e o calor
agora frio
lembra as memórias do porvir



Jaz O Corpo

Jaz o corpo
poisado na encosta da inquietação
a imaginar os objectos das nuvens

e passam-lhe
ao sabor do vento
sem rumo
aos pés e no dorso e na face
e em tudo
as sombras desses objectos
imaginados

fabricados na fábrica
de sombras
que é a memória



No Poema

No poema
uma luz brilhante
e muda
a mudar a percepção das coisas
em perenidade luminescente
a cingir a despicienda
consagração da palavra
por entender

O Ruído No Sorriso Da Manhã

O ruído no sorriso da manhã
impede a consagração
do poema

as aves regurgitam
as letras
os adjectivos
abjectos
e dejectos
na construção da palavra

da rima no chilreio
paciente e ténue
a fabricar o entendimento
de quem o lê

Os Corpos Dançam

Os corpos dançam
numa felicidade atroz
uma valsa de agonia

as sombras sós
declaram o divórcio
na dualidade com a alma

e o reflexo que as águas propõem
não contemplam os gestos

mas os afectos



Por Estes Campos

Por estes campos
de uma verdura enobrecida
e doirada
caem pétalas de uma filigrana argêntea
lágrimas
de um dom do mar

(à cidade de Gondomar)



Sento-me Neste Café

Sento-me neste café,
Onde o fumo perturba
e clientes dolentes
se absurdam

espero-te por entre baforadas
a olhar a porta
numa ansiedade lancinante

e tu não chegas
olho de novo
nada
(mais uns fumos redentores)

nesta consumição
em que me consumo
quase me desfaço
pelo ar;
minha mente é volátil
e logo se dissipa

distraem-me o jornal
e as cruzadas
e depois os sinónimos
e as diferenças
e depois o desporto
e tu sem chegar



Um Grito Longínquo

Um grito longínquo
viajou enraivecido por entre as sombras
vencendo as coisas
pelo caminho proscrito

e as palavras desse grito
chocaram febris
nos ouvidos do silêncio
negro

negro como o rasto
de ecos do grito caídos
por entre os rumores inauditos
da matéria

Sombras

Sombras num silêncio atroz
agonizam na cruzada dos sonhos

a busca do sentido do tempo

os ecos das águas no gotejar paciente
da construção do sensível

gemidos do vento e da terra
no rebento da raiz do entendimento

Ontem

Ontem percorri
o cosmos
atravessei-o de ponta a ponta

e nele não vi nada de ti
nem sequer a tua sombra
nem sequer o teu pulsar

foi mais tarde que compreendi
que o universo
era muito pequeno para te conter

olhei para o meu coração
e vi que estacavas a contemplar-me
na escuridão

Guerra

Guerras na respiração do ruído
a combater a ausência
do sentido

o prelúdio do movimento
do olhar
é o sorriso
das ruínas do entendimento

As Pétalas

As pétalas derramadas do vento
encobrem o ardor sereno e contínuo
do odor das açucenas
e
inflamando os sorrisos
vai a chuva
reveladora do ruído inamovível dos sentidos

As Mãos Tocaram As Ondas

As mãos tocaram as ondas do rio
naquela manhã insuspeita de dor
mas o caudal de afectos estacou dolente
a desejar a redenção

e os afectos foram os cadáveres
inchados e podres
na superfície das águas corrompidas
a clamarem horrendos
pela profundidade redentora



ÍNDICE

A cor do sorriso.....	3
A languidez da respiração.....	4
As aves trazem o dia.....	5
As palavras são acordes.....	6
Dependem da luz.....	7
Latem os cães.....	8
O vento deixou.....	9
Perpassam.....	10
Queria morder-te.....	11
Tudo é triste.....	12
A música é a minha matéria-prima.....	13
Sente a ignomínia da chuva.....	14
O momento é o ideal.....	15
Despidas de vontade.....	16
As pedras da calçada.....	17
Acalma a face.....	18
A felicidade do olhar.....	19
A manhã surgiu.....	20
As mãos atadas.....	21
As paredes.....	22
Duas cadeiras.....	23
No olhar de um velho.....	24
O que é a vida.....	25
O ver o que os sorrisos.....	26
Podia amar-te.....	27
Quiseram as mãos.....	28
Um coro desprendido.....	29
Volta se puderes.....	30
No longe.....	31
As pétalas.....	32
As mãos.....	33
A inefável completude.....	34
A procura da matéria-prima.....	35
As ondas.....	36
Das paredes.....	37
Jaz o corpo.....	38
No poema.....	39
O ruído no sorriso.....	40
Os corpos dançam.....	41
Por estes campos.....	42



Sento-me neste café.....	43
Um grito longínquo.....	44
Sombras.....	45
Ontem.....	46
Guerras.....	47
As pétalas.....	48
As mãos tocaram as ondas.....	49

Colecção

digit@lmente

Título: A TRANSFORMAÇÃO DAS SOMBRAS

Autor: MIGUEL BRANDÃO

Edição em Formato Livro: 2002

Edição em Formato Digital: Junho de 2020

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© Autor e Elefante Editores
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997